

Olisipo - Boletim do

Grupo AMIGOS DE LISBOA

ANO XXVIII — Outubro de 1965 — N.º 112



for souvenirs

Vista Alegre
Porcelanas



LARGO DO CHIADO, 18 • LISBOA

PARA A SUA VIAGEM DE RECREIO

A QUALQUER PONTO DO PAIS

**NOVOS
AUTOCARROS
AO SERVIÇO
DO TURISMO**



CONSULTE A



SERVIÇOS DE ALUGUER - SANTO AMARO, TEL. 632021

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70 - 74

• Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGENCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E AÇÓIS
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas

700 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.^o — LISBOA

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 86 63

• LISBOA



viaje pela



seguro na



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam . . . As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

Oferta

27. JUL. 1968

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVIII

OUTUBRO DE 1965

NÚMERO 112

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 14



SUMÁRIO

	Pág.
RETRATO DE BOCAGE	183
BIOGRAFIA LISBOETA DE BOCAGE pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	184
PAÇO REAL DE FRIELAS pelo <i>Dr. J. T. Montalvão Machado</i>	187
O RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO AOS MOINHOS DOS OLIVAIS pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	195
WENCESLAU DE MORAES E A TORRE DE BELÉM pelo <i>Comodoro Alfredo Motta</i>	203
LISBOA ADORMECIDA, soneto por <i>Christina Bévens Freire</i>	206
ACTIVIDADE CULTURAL DO TERCEIRO TRIMESTRE DE 1965... ..	207
OFERTAS	210
FEIRA DA LADRA	211
CAPA: O velho Mercado da Praça da Figueira - Desenho de <i>Narciso de Moraes</i>	
VINHETAS de <i>J. A. Videira e Figueiredo Sobral</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLISSIPO

OLISSIPO

OLISSIPO



OLISSIPO

OLISSIPO

OLISSIPO

OLISSIPO

OLISSIPO

OLISSIPO



Des. de Nogueira da Silva
Gr. de Coelho

Archivo Pittoresco, vol. 1
1857-1858

Biografia Lisboeta de Bocage

pelo Dr. PAULO CARATÃO SOROMENHO

BOCAGE nasceu em Setúbal, e disso muito tem de se honrar a famosa cidade. Ali viveu um terço da vida: a infância e os primeiros tempos da adolescência. O ambiente doméstico afeiçoou-lhe o génio, que trouxera do berço, despertando-o para o gosto da literatura, herdeiro que fora duma tradição familiar notável (pelo que dizem historiadores e críticos), onde se ilustram alguns nomes na poesia e nas armas, e que vai reflectir-se no nobre impulso para outros ramos da inteligência, como sucede com seus primos de gerações posteriores.

Família com certa prosápia, como vemos, gente de teres e de categoria social (um avô vice-almirante, outro cônsul holandês na cidade sadina) — pareceria que tinha de ceder ao seu componente mais distinto condições de garantia na sociedade e de serenidade na existência, mas tal previsão não se realizou. Os bens de fortuna diluíram-se em duas gerações e Manuel Maria (assim o conheceram amigos e admiradores mais chegados) foi homem pobre — e manteve-se pobre pela interrupção da carreira na marinha, o desregramento boémio, a *moda* na época de um mecenato, efectivamente de meia-tigela, para os poetas, que desprezavam o trabalho produtivo e preferiam a esmola ao auxílio estimulante. E quando, para se manter dignamente e à irmã, decidiu entregar-se a uma actividade regular, só conseguiu que fosse, apesar das características literárias, simplesmente modesta.

Há ainda que contar com a sua irrequietude («incapaz de assistir num só terreno»); o orgulho justificado, mas irritante, que se con-

fundia com vaidade desmedida; o jeito satírico, próprio da época e da raça (nele com traços de genialidade); a incompatibilidade com as instituições (portadora de prejuízos e contrariedades, suavizados pela brandura do tempo, e que noutras alturas lhe teria saído caríssima); a exuberância sentimental — prenúncio da geração romântica que vai chegar. Eis o condicionamento (para usar termo tão estimado nos nossos dias) desta figura extraordinária, que na terra portuguesa tem seus pares em Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Vieira, Garrett e Antero.

Bocage (como dele falavam os contemporâneos e se eternizou — olvidados que ficaram os outros apelidos: Le Doux, ou Ledoux ou Hédois, e Barbosa) veio ao Mundo, já se disse, em Setúbal, e ninguém roubará tal glória — nascimento e meio familiar — à cidade formosa. Diga-se, no entanto, e aceite-se sem oposição, que é personagem de Lisboa, das mais agarradas às nossas ruas e casas, à nossa gente e modos, aos nossos gostos e graças.

A mais antiga informação biográfica do poeta liga-se a Lisboa, a uma das feições pitorescas e emotivas da cidade de setecentos. Foi o caso que tendo vindo aqui, segundo se diz, pelos seus oito anos, revelou ao voltar a casa a impressão que mais viva lhe ficara do passeio; fê-lo — tão menino, embora — já na faceta trocista, atributo do seu carácter:

Fui ver a procissão de S. Francisco,
A que o vulgo chama da cidade.
E, suposto o apertão, foi raridade
Que, indo em carne, não viesse em cisco.

Aceitando, com reserva, que em idade de *oito* anos, o seu génio verbal já lhe ditava correctamente o emprego de certos termos (*vulgo, suposto, raridade, cisco*) — chamemos para Lisboa o título de primeira musa de Elmano. E inspirá-lo-á de novo — com as suas mulheres e variadas feições — quando o poeta aos dezasseis anos abala de Setúbal para vir estudar. É então que a pobreza e o génio se somam para lhe definir o destino, e temos a estranha personalidade que ficou memorável, popularmente no anedotário burlesco e erótico, e intelectualmente no conjunto imortal dos que elevaram ao máximo a inteligência, o sentimento e o idioma do Povo Português.

Ainda com vinte anos segue os passos de Camões e parte para o Oriente — Deus sabe porquê, pois ao certo não o sabem os homens. Tem ocasião de desembarcar no Brasil (onde deixará um vínculo jamais quebrado); seguirá para a Índia, contornando a costa africana (para que, na caminhada da vida, não esquecesse os caminhos portugueses); a inquietação leva-o a desertar e perde-se na imensa Ásia até alcançar Macau; daí regressa a Lisboa, ia entrar nos vinte e cinco anos. E aqui viverá até morrer (em Dezembro de 1805, na casa triste da Travessa de André Valente).

Será Manuel Maria, será Elmano Sadino, será Bocage — o amigo para uns, o árcade para outros, o poeta para todos — nesta cidade que foi refúgio das suas esperanças, leito das suas dores e ansiedades, túmulo dos seus ossos, trono da sua grandeza.



PAÇO REAL DE FRIELAS

pelo Dr. J. T. MONTALVÃO MACHADO

INDUBITÀVELMENTE, houve no lugar de Frielas, subúrbios de Lisboa, um Paço Real, de que muito se aproveitaram os últimos Reis da Dinastia Afonsina.

Embora Pinho Leal assevere que este paço teve seu início de construção no reinado de D. Afonso III⁽¹⁾, certo é que a História só nos dá notícias concretas e repetidas, acerca deste assunto, a partir do Rei Lavrador.

Porém, a partir desta época, não somente são numerosos os documentos, que se referem a reguengos em Frielas e suas proximidades (Unhos, Camarate e Sacavém), mas abundam também as cartas régias, datadas de Frielas, o que denota a frequência com que D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I visitavam o lugar de Frielas e por ali estacionavam, deliciando-se nos prazeres da caça ou respirando em sossego o puro ar dos campos.

Isso nos levou ao lugar de Frielas, para aí indagar se subsistem quaisquer resquícios do Paço Real de Frielas. O passeio foi frutífero, mas não queremos expor o resultado das indagações, sem primeiro invocar alguns factos históricos, que nos ponham em dia com o reguengo de Frielas, uma vez que ali se construiu um paço real.

1.º — Em 18 de Junho de 1309 (Ano de Cristo), Rui Peres vendeu a El-Rei D. Dinis um *figueiredo* (ou figueiral), que possuía em Frielas, termo de Lisboa⁽²⁾. Este documento, como outros a que

se vai fazer referência, demonstram-nos que D. Dinis e seus sucessores quiseram naturalmente alargar as propriedades que circundavam o seu paço.

2.º — Passados alguns dias, em 6 de Julho de 1309, Miguel Martins e sua mulher, residentes em Frielas, venderam ao Rei D. Dinis e à Rainha D. Isabel, por 25 libras, um lagar de azeite, que, no mesmo lugar de Frielas, tinham herdado do pai do primeiro, Lourenço Lagareiro (3).

3.º — No ano seguinte, a 13 de Outubro de 1310, os mesmos Miguel Martins e sua mulher Maria Domingues venderam ao mesmo Rei D. Dinis uma casa em Frielas, que confrontava «ao Poente com os Paços de El-Rei» (4).

4.º — Em 6 de Julho de 1313, D. Dinis mandou construir, junto às suas casas de Frielas, uma capela da invocação de Santa Catarina, na qual haveria um capelão quotidiano, que seria da apresentação dos Reis de Portugal (5).

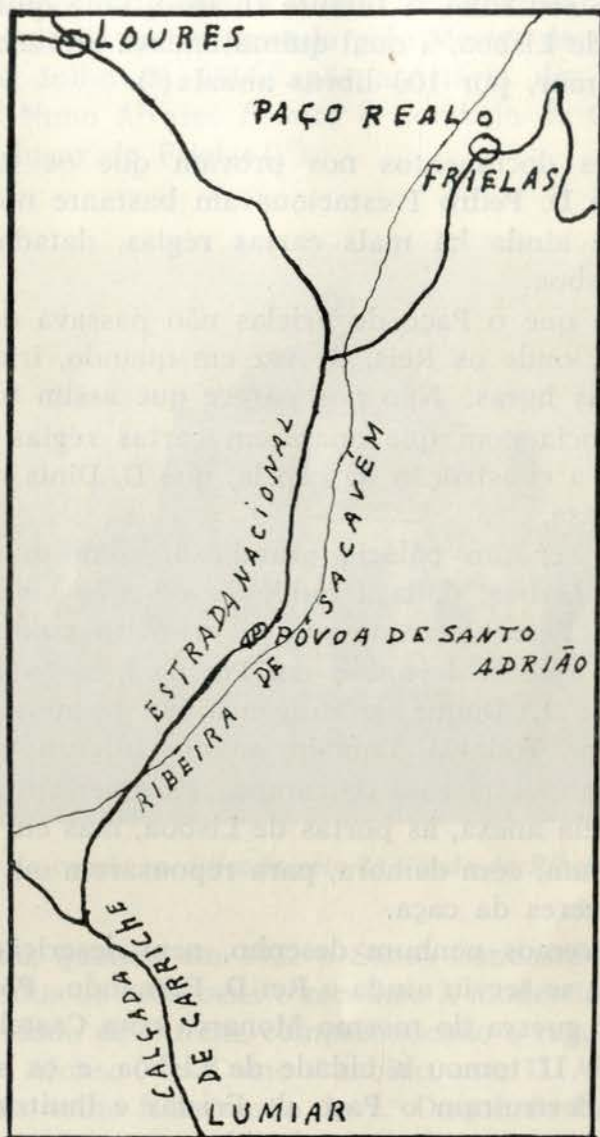
5.º — Em 3 de Outubro de 1314, em Frielas, o Rei D. Dinis confirma uma carta, passada por seu filho, o Infante D. Afonso (futuro D. Afonso IV), a sua mulher D. Beatriz, pela qual lhe doa a vila de Viana do Bispado de Évora (6).

6.º — Em 17 de Junho de 1339 e em Frielas, se fez pregão para a venda duma adega com duas cubas, que pertenciam a Maria Domingues, viúva de Leonardo Vicente, e, por não haver mais nenhum lance, arrematou, por 131 libras, para El-Rei D. Afonso IV, João Soares, seu almoxarife (7).

7.º — A 25 de Julho do mesmo ano, Domingos Vicente Bugalhinho e sua mulher Teresa Vila vendem ao mesmo Rei D. Afonso IV, por 46 libras, uma adega que possuíam em Frielas e que confrontava com o mesmo Senhor Rei (7).

8.º — Em 31 de Julho de 1357, o Rei D. Pedro I confirma outras cartas, passadas por seu Pai e seu Avô, concedendo agora a Lança-

rote Pessanho, pelo preço anual de 3000 libras, as rendas de todas as terras que a Coroa possuía em Frielas, Unhos, Camarate e Sacavém, quantia aquela que seria paga em três prestações iguais, nos



Paço Real de Frielas, nos subúrbios de Lisboa

dias 1.º de Janeiro, 1.º de Maio e 1.º de Setembro. Esta renda era uma das cláusulas do contrato entre os Reis de Portugal e os Pes-

sanhos, para que estes guardassem as costas do País com os galeões e homens necessários⁽⁸⁾.

9.º — A 23 de Agosto de 1359, o Rei D. Pedro doa a Mestre Vivas judeu, físico de seu filho, o Infante D. João, uma quinta, acima de Frielas, termo de Lisboa, a qual quinta andava aforada a Domingos Guedelha, rabi-mor, por 100 libras anuais⁽⁹⁾.

Todos estes documentos nos provam que os Reis D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I estacionavam bastante no seu paço de Frielas, porque ainda há mais cartas régias, datadas do mesmo subúrbio de Lisboa.

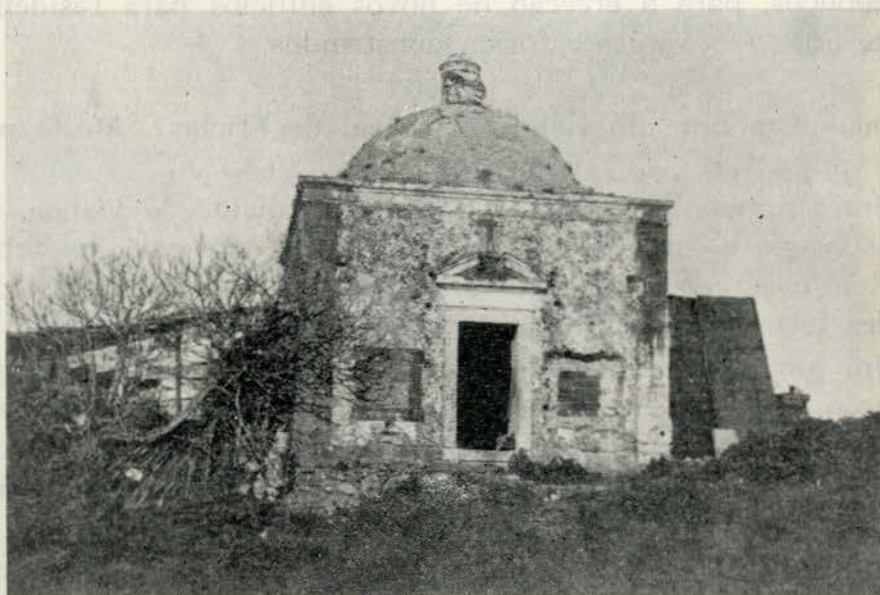
Já se disse que o Paço de Frielas não passava duma modesta casa de campo, onde os Reis, de vez em quando, iriam espairecer durante algumas horas. Não nos parece que assim fosse, atenta a relativa frequência com que aparecem cartas régias, lavradas em Frielas, e dada a construção da capela, que D. Dinis mandou erigir junto da sua casa.

Podia não ser um palácio grandioso, como o não eram os paços reais de Lisboa, dada a modéstia em que viviam os nossos reis afonsinos. Parece mesmo que o primeiro palácio com certa sumptuosidade, que se levantou em Portugal, foi o que fez erigir em Guimarães o 1.º Duque de Bragança, em meados do século xv, hoje restaurado. Todavia, também se nos afigura que não devia tratar-se duma modesta casa de campo, antes seria um conjunto de casas, com capela anexa, às portas de Lisboa, mas em pleno campo, onde os reis iriam, com demora, para repousarem ou para se entregarem aos prazeres da caça.

Não conhecemos nenhum desenho, nem descrição do Paço de Frielas, do qual se serviu ainda o Rei D. Fernando. Porém, em 1373, aquando da 2.ª guerra do mesmo Monarca com Castela, o rei castelhano Henrique II tomou a cidade de Lisboa, e os seus soldados, por defastio, destruíram o Paço de Frielas e muitos outros edifícios, que encontraram pelo caminho⁽¹⁾.

Alguns anos mais tarde, o Rei Formoso, não querendo reconstruir o dilecto paço rural dos seus ascendentes, resolveu oferecê-lo aos monges de S. Jerónimo, para aí fundarem um convento da sua ordem, o que aliás não chegou a realizar-se.

Assim, tudo leva a crer que o paço ficou em ruínas durante muito tempo, se bem que o reguengo de Frielas subsistisse com notória importância, passando sucessivamente pelas mãos do Rei D. Fernando, da Rainha D. Leonor Teles e do amante desta, João Fernandes Andeiro, feito agora Conde de Ourém. Pelo menos, é o que se depreende da carta, passada pelo Mestre de Avis, em Lisboa no dia 1.º de Julho de 1384, após a vitória dos Atoleiros, concedendo a D. Nuno Álvares Pereira o Condado de Ourém, no qual ia incluído o lugar de Frielas⁽¹⁰⁾.



Ruínas da capela reedificada pelo 1.º Conde da Ribeira Grande

Mais tarde, quando em 1422 o Santo Condestável resolveu despojar-se de todos os seus bens e recolheu à modéstia claustral, doou o mesmo Condado de Ourém, compreendendo o reguengo de Frielas, a seu neto D. Afonso⁽¹¹⁾. Como é sabido, este D. Afonso, Conde de Ourém, o mais velho filho varão do 1.º Duque de Bragança, faleceu no estado de solteiro, antes de seu pai, e por isso os seus bens, com Frielas, foram na maioria incluídos mais tarde na Casa de Bragança, representada agora por D. Fernando, 2.º Duque.

Escasseiam-nos as notícias a partir desta época, sendo provável que os Duques de Bragança, embora não fizessem reconstruir o Paço

de Frielas, usufruissem os rendimentos do respectivo reguengo. Sabe-se todavia que, muito mais tarde, as velhas ruínas do Paço Real tinham caído nas mãos do 1.º Conde da Ribeira Grande, 4.º Conde de Vila Franca, D. Manuel Baltasar Luís da Câmara, que foi governador da Ilha de S. Miguel e servira na Guerra da Restauração.

Segundo alguns autores, este antigo gentil-homem da Casa de D. João IV, teria procedido a escavações, em 1670, tendo encontrado vários objectos do velho palácio e capela anexa⁽¹²⁾. É natural que aquelas escavações tivessem em mira principalmente a abertura de caboucos, para a erecção de novos edifícios para residência e capela, que efectivamente foram construídos.

Que resta hoje do velho Paço Real de Frielas? Muito pouco, como vamos ver.

Entre a população deste residente arrabalde de Lisboa, ainda hoje subsiste a tradição de ali ter havido um palácio, habitado por Reis e Rainhas, que ali vinham passar as suas férias, dando grandes festas e organizando caçadas e montarias.

Um amável cicerone acompanhou-nos até ao limite norte da povoação e ali nos mostrou a capela em ruínas, que foi construída, no século XVII, pelo 1.º Conde da Ribeira Grande, ilustre personagem, descendente dos Câmaras e Condes de Vila Franca. Adverte-nos o nosso companheiro que, segundo a tradição oral, passada de geração em geração, esta capela já não é a primitiva, o que aliás se verifica pela sua arquitectura, mas foi edificada sobre as ruínas da capela real.

Quisemos visitar esta capela e outras dependências, mas os seus actuais proprietários não nos permitiram a entrada, acrescentando: «Já que a Câmara de Loures não nos deixa aqui construir casas novas, também não damos licença para visitas nem estudos!».

Esta foi a razão por que nós, o nosso amável cicerone e o nosso amigo Sr. Alfredo Garcia, um aficionado por antiquilhas, não pudemos ir além da via pública, sem embargo de utilizarmos as máquinas fotográficas.

A norte e poente da capela, vêem-se umas colunas e muralhas, que têm todo o aspecto de antiguidades medievais e essas sim é

que devem ser coevas do Rei Lavrador. As colunas, que não pudemos contemplar de perto, devem ser os últimos restos do velho palácio real.

Quanto à muralha, bem construída e com uma altura duns cinco metros, devia ter um duplo fim: servir de guarda ao palácio e defendê-lo das inundações da ribeira de Sacavém, que por ali corre, em terrenos pantanosos, sem bastante declive.

É provável que o Palácio de Frielas, construído pelo 1.º Conde da Ribeira Grande no lugar do velho Paço Real, não tenha durado



Antiga muralha de defesa do Palácio Real de Frielas

longo tempo, porque, no terramoto de 1755, caíram por terra quase todas as casas da povoação, segundo disse em 1758 o prior da freguesia, D. António Regado Serpa⁽¹³⁾. Este mesmo sacerdote, sem querer, explica-nos a necessidade da muralha acima mencionada, porque acrescenta: «Frielas é porto dum braço de mar, que entra pela boca de Sacavém, com lezírias e salinas e navegam os barcos dos pescadores desta terra e de Unhos e do Tejo arriba.»

Não queremos terminar, sem fazer um apelo à Câmara Municipal de Loures. Frielas foi sede de concelho em séculos passados;

foi depois incorporada no concelho dos Olivais; pertence actualmente ao concelho de Loures.

É pois à Câmara de Loures, e bem assim à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que imploramos a conservação destas sagradas relíquias, não permitindo de modo algum a sua selvática demolição, porque quem não respeita o passado também não merece viver o presente.

NOTAS

- (1) A. de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1874, vol. III, p. 238.
- (2) A. N. da Torre do Tombo, gaveta 11, maço 2, documento n.º 37.
- (3) Idem, idem, gaveta 12, maço 11, documento n.º 19.
- (4) Idem, idem, gaveta 12, maço 11, documento n.º 18.
- (5) Idem, idem, gaveta 1, maço 4, documento n.º 7.
- (6) Idem, idem, gaveta 3, maço 10, documento n.º 11.
- (7) Idem, idem, «Chancelaria de D. Afonso IV», liv. 4, fls. 33.
- (8) Idem, Idem, «Chancelaria de D. Pedro I», liv. 1, fls. 7 e sêgs.
- (9) Idem, idem, «Chancelaria de D. Pedro I», liv. 1, fls. 38 v.
- (10) D. António Caetano de Sousa, *História Gen. da Casa Real*, «Provas», tomo III, pp. 515 e 516.
- (11) Idem, idem, «Provas», tomo v, pp. 567-569.
- (12) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XI, p. 884.
- (13) Padre Luís Cardoso, *Diccionario Geographico*, ms. no A. N. da Torre do Tombo, vol. XVI, p. 1175.

O RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO AOS MOINHOS DOS OLIVAIS

pele Dr. PAULO CARATÃO SOROMENHO

ESTE apontamento foi escrito apenas para um arquivo de família, pelo que tomou feição *limitada*. Agora que o destino ao público leitor, interessado por velharias lisboetas, tentei arrancar-lhe a nota íntima e a linguagem caseira, a fim de transformá-lo num estudo, embora despretensioso, de um momento da vida vulgar diária (burguesa e religiosa) dos fins de oitocentos.

As informações seguintes foram dadas por D. Lucinda Rosa Marques Caratão Soromenho, mãe do autor. Esta senhora (Soromenho pelo casamento) frequentou o colégio, que funcionava no Recolhimento, desde 1895 a 1899, dos dez aos catorze anos. Trouxe de lá recordações indeléveis, e de tal forma que foi possível reconstituir, com bastantes pormenores, o ambiente conventual e escolar. Trata-se, como se verá, de História pequenina, mas que ajudará a evocação de circunstâncias para sempre perdidas — pois os trinta anos mediados entre a implantação da República e a Concordata de 1940 fizeram um corte decisivo. Esse passado, agora trazido aos leitores através deste apontamento, não se assemelha ao presente que se nos depara nos colégios femininos conventuais. Os conceitos de educação, os gostos e as necessidades, a vida de relações, a estrutura hierárquica da família e da sociedade alteraram-se e essa alteração originou uma pedagogia e uma didáctica profundamente dife-

rentes. Eis por que haverá interesse em não esquecer os pormenores da existência num colégio de freiras para meninas burguesas da última década do século passado. Ainda se nos deparará gente que viu e experimentou como era, e mais gente que ouviu ou tem ouvido. Todavia, se nos não apressarmos a fixar, lá virá tempo em que tudo se perderá no quarto escuro do esquecimento, onde tudo é nada.

Só não conseguirei transmitir a emoção, a graça, a vivacidade, o realismo que a minha amada e amável informadora põe nas suas palavras quando conta e reconta e torna a contar com saudade e reconhecimento esses quatro anos de vida nos Olivais. E, no entanto, que rigorosa era a regra das alunas!

O *Collegio de Nossa Senhora do Carmo, aos Moinhos dos Oliveas*, que também aparece designado por *Collegio do Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo*, pertencia, conforme se vê pelo segundo nome, ao Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo; ambos constituem motivo desta rápida e insuficientíssima crónica.

No Cabo Ruivo, antigo sítio dos Moinhos, aos Olivais, entre terrenos, agora roubados ao Tejo, e a linha férrea, junto ao viaduto, na Rua (ou Estrada) da Centeeira, erguido num ponto alto (debruçado sobre caminho aberto pouco antes de 1958), vê-se a fachada de um edifício de três pisos, baixo na aparência, se confrontado com o comprimento (talvez uns cinquenta metros), e formado por três corpos: o primeiro é uma construção vulgar, com porta larga e pequena janela de peito à sua esquerda, e no primeiro andar três janelas também de peito; ao meio, a capela, com porta e quatro janelas no rés-do-chão, e mais seis no primeiro andar (que interiormente correspondia ao coro, hoje desaparecido); o terceiro corpo mostra uma porta (a entrada conventual), ladeada por duas janelas, a da sacristia e a do palratório (expressão correcta que as freiras usavam em vez dos sinónimos parlatório ou locutório); no primeiro andar — três janelas. Neste lado o edifício termina e, formando esquina, segue paralelamente ao Tejo, talvez numa extensão de trinta metros, aqui com quatro pisos.

Julgo-o um edifício provavelmente da primeira metade do século XIX, cujo motivo mais importante — a capela — se inspirou (melhor se diria: *foi copiado*) na fachada da igreja dos Olivais. Apesar da arquitectura pobre, a capela empresta ao conjunto, continuado pelo muro da quinta, um tom evocativo e atraente, tanto



1—*Capela de Nossa Senhora do Carmo*

2—*O Recolhimento visto do lado do Tejo*

3—*O claustro*

(Fotografias de D. Arménia da Cunha Ferreira, obtidas em 1952)

ou quanto misterioso. Não há muito, em toda a frente estendia-se um vasto terreno, levemente acidentado, que se limitava ao longe pelas primeiras casas da povoação. Até à porta do modesto templo seguia um caminho de pé-posto; para o Norte o horizonte fechava-se com a via férrea e para o Sul aparecia o Tejo, logo ali. O isolamento aumentava o «ambiente camiliano» que mesmo agora lá se respira, apesar do caminho asfaltado (e com bastante movimento) aberto,

como se disse, por 1958, em plano inferior ao longo da fronteira.

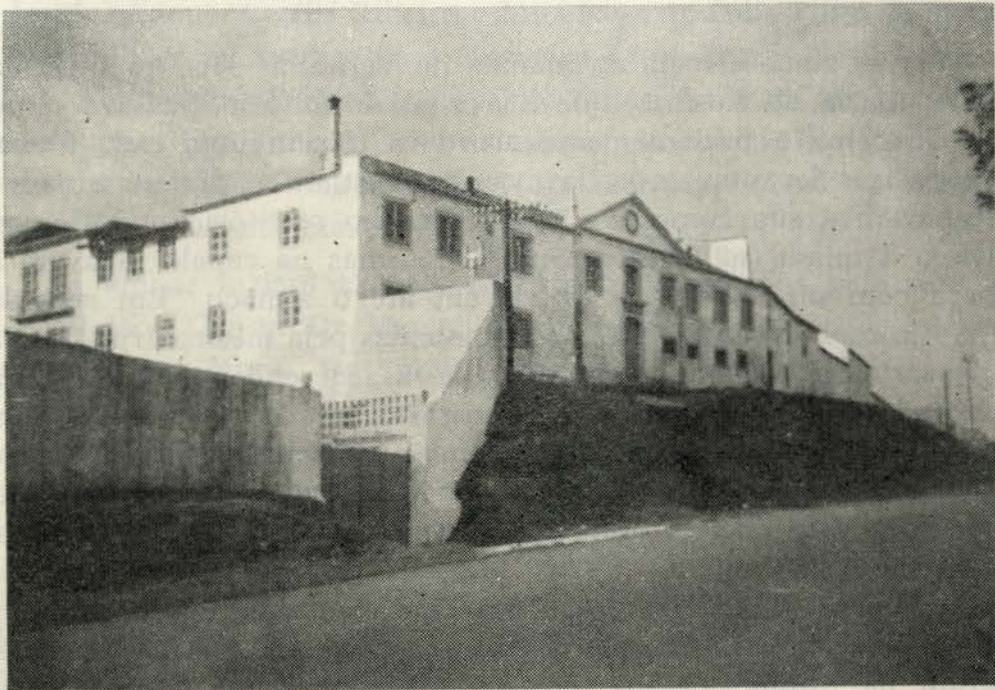
Pelo decorrer do século, após uma história para mim desconhecida (talvez convento de princípio; talvez depois encerrado e aproveitado para outros fins com a vitória liberal; novamente restituído às suas primitivas funções com o regresso das ordens religiosas) o edifício terá recebido modificações interiores, dada a irregularidade da sua planta nas partes que apresentam maior antiguidade. Visitei-o no Verão passado, por amabilidade extrema de quem dirige a actual proprietária — a BP — e a quem, adiante, darei as graças devidas. Já o vira exteriormente por várias vezes, e obtivera dele fotografias (de 1952, de quando pertencia à Atlantic), algumas das quais acompanham este artigo.

Entregue às freiras carmelitas, nele se conservaram até o fim da monarquia; serviu para o Exército durante anos; pelo que julgo saber, em 1929 passou à Atlantic e por 1958 à BP. Parece que o seu fim não vem longe. O extenso espaço que ocupa poderá proporcionar amplas instalações, mais convenientes para as exigências da vida actual, tão intensa e premente. Os apontamentos destas páginas poderão ser um dia algo de semelhante àquelas folhas descoladas e esmagadas que se nos deparam nos livros velhos e representam ténues recordações de momentos supostos eternos.

De 1895 a 1899, a informadora conheceu três madres (superiores ou regentes): Irmã Catarina, Irmã Cândida (que também era ensaiadora do coro) e Irmã Júlia. Viveram ali, neste período, as seguintes freiras: Irmã Purificação (enfermeira), Irmã São José (encarregada da disciplina quanto às alunas), Irmã Maria do Rosário (que acompanhava as alunas no dormitório e no recreio), Irmã Adelaide (enfermeira, também), Irmã Ana (cozinheira), Irmã Susana das Dores (sacristã, secretária da Pia União das Filhas de Maria, no colégio, e que acompanhava as alunas durante as refeições), Irmã Teresa (professora de Lavores e Costura, a quem encarregaram de bordar um lindíssimo manto para a imagem de Nossa Senhora da Saúde, da Guia) e Irmã Eduarda (professora de Flores). Havia três irmãs leigas (Rosa, Rosário e Teresa), que faziam trabalhos domésticos e da quinta, e duas noviças (Lucinda Barahona e Maria das Dores). Em 1928 viviam apenas as Irmãs Adelaide e Susana das Dores, que conheci no Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo, a São Cristóvão.

A Instrução Primária estava a cargo de uma professora de fora (D. Maria...). No ângulo à direita do Recolhimento, para o lado do Tejo, morava o padre-capelão; e ainda duas senhoras, mãe e filha, não freiras: D. Clara Júlia de M. do Canto e D. Clara Isabel do Canto Brun, respectivamente directora e presidente da Pia União das Filhas de Maria; D. Clara Isabel ensinava no colégio as disciplinas de Música e Francês. Assistia também ali um jardineiro.

Numa parte do rés-do-chão habitavam meia-dúzia de freiras da mesma Ordem, quase sem contacto com as anteriores, e que usavam sempre o rosto coberto; delas não há mais informações.



*Vista de conjunto do edifício do antigo Recolhimento
de Nossa Senhora do Carmo*

(Fot. do Sr. Dr. José Videira)

As freiras viviam das mensalidades das alunas e dos produtos da quinta, parece. Vendiam às alunas pagelas de santos e lâminas (que elas faziam) e vendiam bolos para fora.

Muito embora o rigor da disciplina e a sobriedade da vida, no período referido de quatro anos, sòmente se deu um falecimento: o da Irmã Cândida, superiora, a quem sucedeu a Irmã Júlia.

De 30 de Setembro ou de 1 de Outubro a 31 de Agosto — onze meses inteiros e sequentes — ali permaneciam as raparigas, vindas de famílias geralmente ricas, habituadas à ternura do lar, às comodidades domésticas. Apenas a nossa informadora e uma irmã podiam entrar a 7 de Outubro, autorizadas por difícil consentimento, porque o pai festejava o aniversário a 6. Nem no Natal, no Carnaval, na Páscoa, pelos Santos Populares, nem nas festas de família podiam sair. De resto, também não entravam estranhos... e estranhos eram todos — menos o médico.

Únicamente naqueles quatro anos esta excepção: uma afillhada da Irmã Susana das Dores que ia, lá de quando em vez, passar uns dias.

Pois às cinco e meia da manhã, no Verão, às seis, no Inverno, a Irmã Maria do Rosário, que ficava no dormitório, passava junto de cada cama e pacientemente acordava uma a uma cada aluna. As raparigas levantavam-se, lavavam-se, vestiam-se, faziam a cama, arrumavam a sua cómoda e iam tomar no refeitório o desjejum. Ouviam a missa (não usavam uniforme, mas na capela tapavam a cabeça com uma touca) e estudavam até o almoço. Em seguida tinham meia-hora de recreio, acompanhadas pela mesma Irmã Maria do Rosário, estudavam até às cinco horas, merendavam e voltavam ao estudo: num ou noutro caso costuravam. Às 9 horas ceavam. Depois rezavam na capela e deitavam-se. Durante as refeições não falavam: apenas ao almoço uma aluna lia em voz alta biografias de santos. Vida cheia e dura que torceria o nariz de todas as raparigas de hoje em dia...

Felizmente aos domingos e nos dias santos de guarda a regra implacável era letra morta. Então brincavam, conversavam, passeavam na quinta — vasto terreno *funcional*, pois a comunidade tinha de viver, e flores não se comem. Também os preparativos das grandes cerimónias religiosas variavam a monotonia regular. Pelos Santos saltavam a fogueira e no Verão tomavam banho no Tejo, que a quinta proporcionava-lhes praia privativa. Aos domingos recebiam visitas a quem falavam no palatório e com a presença de duas freiras. De resto a correspondência enviada e recebida era censurada. No Natal armavam o presépio, com boas figuras de dois a três decímetros de altura.

Contudo os dias piores talvez fossem os que decorriam desde meados de Agosto (quando terminava a sessão de encerramento do

ano lectivo, presidida pelo director Cónego Dr. Manuel António Ramalho) até o começo das férias de Setembro: nada havia que fazer senão esperar ansiosamente o dia do regresso a casa.

O melhor dia era o da festa da comunidade — o de Nossa Senhora do Carmo, em Julho, dia tão especial e querido que até comiam... batatas fritas!

Então foram aqui alunas as seguintes meninas: Lucinda Rosa Marques Caratão e Maria Rosa Marques Caratão (que veio a fundar e dirigir a revista de Lisboa *Arte Feminina*, 1931-32); Madalena Saque e Jesuína Saque; Cecília Ribeiro e Júlia Ribeiro; Júlia Pinto de Araújo e Maria Pinto de Araújo; Sara Nogueira e uma irmã; Clotilde Vaquinhas; Alexandrina Ribeiro (que veio a ser cunhada da informadora); Júlia Ramos (mais tarde freira salesiana); Maria da Glória, sobrinha do padre-capelão, e uma rapariga mulata, chamada Zenóbia. Restam vivas cinco das meninas dessa época.

As alunas faziam exames em Agosto, presididos pelo director do colégio, o Cónego Dr. Manuel António Ramalho, que vivia normalmente em Coimbra. Dos poucos documentos do colégio, que conservo, dois são assinados por ele: um livro de prémio, com dedicatória, e um diploma, ambos de 1898, entregues à nossa informadora. O diploma é de admissão na Pia União das Filhas de Maria.

As instalações escolares eram no rés-do-chão. Não havia carteiras, mas uma grande mesa onde todas trabalhavam. Além da sala de estudo, neste piso as alunas tinham a casa da costura, a das flores e o lavatório.

No andar nobre ficavam as celas, casa de trabalho e o recreio das freiras, os dormitórios das alunas mais velhas e das mais novas, duas retretes, o coro das freiras e o das alunas, o oratório e a farmácia. O coro das alunas tinha uma porta, de armário na aparência, que, aberta, ligava às instalações das senhoras Cantos. Os dois coros davam para a capela, com o altar-mor, no qual se venerava unicamente a imagem de Nossa Senhora do Carmo, cujos símbolos, de estuque, ainda hoje se conservam no tecto. Em várias paredes do edifício havia nichos com imagens, uns fechados, outros não.

Eis a nota de alguns livros didácticos aprovados no colégio, e que de algo informará :

- 1) *Historia Biblica ou Narrativa do Velho e Novo Testamento*, offerecida ás Escolas e Familias Portuguezas, tradução de D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará (Ed. de 1891);
- 2) *Rudimentos de Grammatica Portugueza para uso das Escolas Primarias, extrahidos com previo consentimento do auctor da «Grammatica Portugueza Elementar» de A. Epiphanio da Silva Dias*, por C. Claudino Dias (Ed. de 1895);
- 3) *Selecta Franceza, extrahida dos melhores auctores modernos*, por C. Delacruz Vidal, e a collaboração de Luiz Filippe Leite (Ed. de 1893);
- 4) *Petite Histoire Ancienne*, par Victor Duruy (Ed. de 1898).

Na visita que fiz ao edificio, já referida, fui acompanhado pelo Ex.^{mo} Sr. Eng. Hélio Pinto Arce da Câmara Ornelas Bruges Ponce Leão e pelo Ex.^{mo} Sr. Hélder Rodrigues, inexcitáveis de paciência com quem é capaz de fazê-la perder a um santo. E porque devo especiais agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. Eng. Gonçalo Cabral, aqui os deixo expressos, pois me proporcionou, com generosa hospitalidade, realizar um velho sonho.

Quanto vi ajudou-me a evocar mais vivamente ou a completar quanto *sabia* do Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, aos Moinhos dos Olivais.

Extensos corredores, quartos pequenos, salas grandes, sótãos e cubículos, portas e janelas, armários inesperados, degraus e recantos, esconsos e tectos altos, um pátio interior pomposamente denominado *claustro*, varandas e telhadinhos, um poço memorando a quinta desaparecida — eis feições do velho Recolhimento, por onde sofreram as saudades do mundo e as ânsias do Céu algumas mulheres humildes e de boa vontade, que passaram a vida na doce missão de esclarecer as inteligências, educar os sentimentos, aperfeiçoar as vontades, melhorar as almas (1).

(1) Agradeço ao Sr. Dr. José Videira a valorização que deu ao presente trabalho com a bela fotografia tirada neste Outono, e novamente à minha antiga aluna Sr.^a D. Arménia da Cunha Ferreira as fotografias, agora publicadas, que obteve em Fevereiro de 1952.

WENCESLAU DE MORAES

E A

TORRE DE BELÉM

pelo Comodoro ALFREDO MOTTA

UM dos mais belos monumentos existentes em Lisboa é sem dúvida a Torre de Belém.

O seu encanto tem inspirado artistas e poetas, reproduzindo-a nos seus quadros ou cantando-a nos seus versos, como, por exemplo, Delfim Guimarães que, no seu belo livro *Alma Portuguesa*, diz :

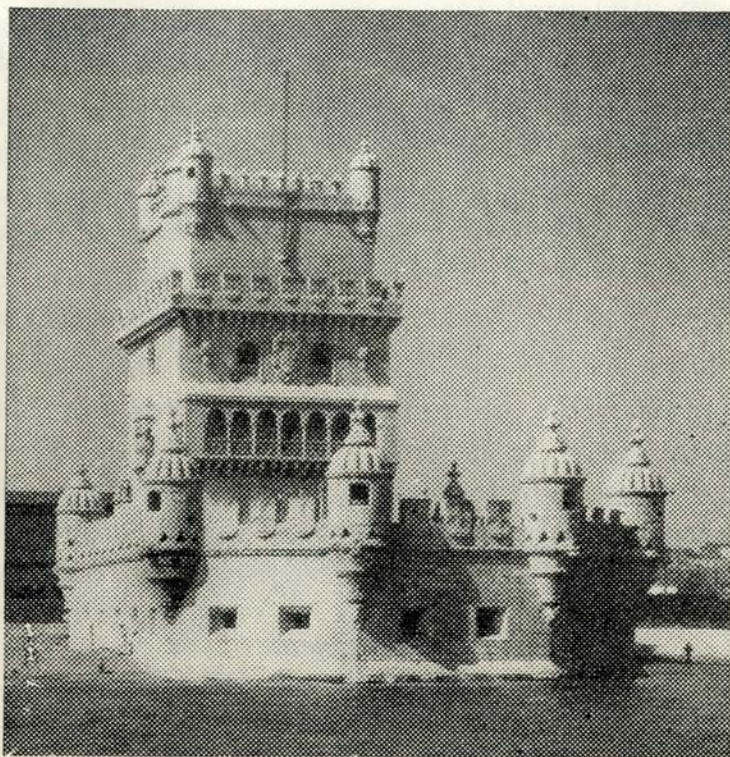
Essa jóia aurifulgente
Tem alma, quase que fala...
Ao vê-la, fica-se a gente
Com vontade de beijá-la!

Wenceslau de Moraes, oficial de Marinha, muitas vezes, ao partir ou chegar das suas viagens se terá extasiado perante a sua beleza. Um dia, encantado pela terra japonesa, abandonou a marinha e exilou-se em Tokushima, onde viveu o resto da vida; ali faleceu sem ter voltado a Portugal. Não esqueceu, porém, a velha terra onde nasceu, pois mantinha aturada correspondência com alguns amigos.

Uma das pessoas, com quem manteve assídua correspondência até ao fim da vida, foi o seu camarada e grande amigo vice-almirante João Jorge Moreira de Sá. Além das cartas em que tratavam de vários assuntos havia uma troca de postais: Wenceslau de Moraes enviava ilustrações japonesas e Moreira de Sá vistas de Portugal.

Ambos costumavam numerar a correspondência que mutuamente se dirigiam, e assim ficavam sabendo se toda ela tinha chegado ao seu destino.

Com data de 27 de Julho de 1925, Moreira de Sá envia um postal com a Torre de Belém, o número 30 desse ano. Não existindo ainda o correio aéreo, que hoje torna tão rápidas as comunicações, este postal levou mais de um mês para chegar ao seu destino.



«...um symbolo do sonho portuguez de descobertas e de conquistas!...»

(Wenceslau de Moraes)

Wenceslau de Moraes, em postal de 3 de Setembro seguinte, responde:

Recebido p. 30 de 27-7, com a vista da Torre de Belem, «bonita a valer», como tu mt^o bem dizes. Eu quasi nada conheço de architectura portugueza, mas a torre de Belem é p^a mim a mais bella das nossas obras d'arte; em parte, é a situação q.^e lhe dá o encanto, alli á beira mar, como um symbolo do sonho portuguez de descobertas e de conquistas! Igrejas, temos mt^{as}, mas são todas montes de pedregulhos, q.^e não valem a torre!...

Como grande admirador da Torre de Belém, e coleccionador de tudo que lhe diz respeito, é com grande satisfação que deixo aqui arquivada a opinião de Wenceslau de Moraes sobre tão belo monumento.

NOTA—O postal de Wenceslau de Moraes que acima se publica pertence à colecção de manuscritos da Biblioteca Central da Marinha.



O Sr. Comodoro Alfredo Motta, apaixonado pela Torre de Belém, junta-lhe hoje o nome de Wenceslau de Moraes, como o autor oficial da Armada, enamorado de Portugal e das suas glórias lá no Japão, onde viveu e morreu.

A Torre de Belém tem sido o tema, para o meu confrade e Amigo Alfredo Motta, de numerosos eventos artísticos, de que avulta nos últimos tempos a interessante exposição, realizada com exemplares da sua curiosa colecção e que aos nossos salões trouxe tão numerosa e ilustre concorrência de visitantes. Bem fica pois, no nosso Boletim, o artigo sobre a nossa Torre e as impressões do lisboeta ilustre que foi Wenceslau de Moraes, sobre a sentinela manuelina, em pedra burilada a par de Belém.

E. N.

LISBOA ADORMECIDA

Que silêncio! A Cidade adormeceu,
E como é estranho vê-la sessogada,
Tão quieta nos braços de «Morfeu»!
Lisboa a buliçosa, a bem-fadada.

Dorme na doce paz que a envolveu,
Sem uma só janela iluminada!...
Já não há luz nas ruas, mas no Céu
As estrelas pressentem a alvorada...

O dormir da Cidade é sempre breve!
E logo quando acorda, quem descreve
Seu mourejar... a graça dos pregões?...

O largo Tejo! A linda claridade?!...
Que encantamento! Oh! na realidade
Ela nos prende bem os corações...

CHRISTINA BÉRENS FREIRE

(Do livro *No Trilho da Saudade...*, p. 29, Lisboa, 1965)



A nossa consócia, a poetisa D. Christina Bérens Freire no mesmo volume dedica, a p. 59, um outro soneto aos «Amigos de Lisboa», já publicado no nosso Boletim, gentileza que muito se agradece. Christina Bérens Freire fez há pouco na Academia Portuguesa de Ex-Líbris a apresentação do seu novo livro Romaria, que sairá brevemente. Recordo as palavras que proferi ao presidir a essa sessão e as com que finalizei a mesma, a emoção e o sentimento com que foram ditas e a inspiração que a todas soube dar. É de facto uma poetisa de sentimento em que avultam a moral e as emoções.

E. N.

ACTIVIDADE CULTURAL

do terceiro trimestre de 1965

A actividade cultural deste trimestre começou no domingo 11 de Julho por uma visita de estudo à Igreja Paroquial de S. Cris-tóvão a propósito das obras ultimamente realizadas. Recebidos pelo Reverendo Pároco, o nosso consócio Padre Artur de Albuquerque Sobral, foi visitado o Templo e suas dependências, particularmente a Capela do Arcebispo onde foi posta à vista a campa existente no pavimento e que estava tapada com o soalho. Estiveram expostos paramentos, livros com assinaturas reais desde D. João VI a D. Manuel II e interessantes peças de prata e ouro como por exemplo uma custódia e um cálix de grande valor artístico. Seguidamente o Secre-tário-Geral e os outros directores presentes, Srs. Drs. Paulo Caratão Soromenho e Couto Santos, visitaram as ruas circunvizinhas, Largo da Achada, Beco das Flores, etc., notáveis pelo seu aspecto típico.

Em 25, também domingo, numeroso grupo de sócios visitou a Mãe d'Água, às Amoreiras, e percorreu a conduta da água até ao Alto da Serafina, atravessando o Passeio dos Arcos. A visita foi diri-gida e acompanhada amavelmente pelo nosso consócio Sr. Eng. Amílcar de Melo, que aos visitantes fez uma erudita palestra sobre os locais visitados e as efemérides sobre o fornecimento de águas à capital desde a primitiva até à actualidade. No fim do Aqueduto, no Alto da Serafina, seis autocarros e alguns automóveis esperavam os visitantes que percorreram os miradouros do Parque Florestal de Monsanto para apreciarem os belos panoramas da cidade e dos seus arredores.

Na noite de quinta-feira 29, foi visitado o edifício do *Diário de Notícias*, sócio honorário do Grupo, onde os visitantes foram recebidos pelos Srs. Fernando Fragoso, secretário-geral e Luís Teixeira, redactor, que apresentaram aos visitantes os cumprimentos do seu director, impossibilitado de comparecer. Na visita a todas as dependências (administração, redacção, biblioteca e oficinas) foram os visitantes acompanhados pela chefe da secretaria D. Alda Mafra, pelo



Visita ao Aqueduto das Águas Livres

Na Mãe d'Água, os sócios do Grupo «Amigos de Lisboa» escutam a prelecção do Sr. Eng. Amílcar de Melo

redactor Dr. João Falcato e por um funcionário e vários chefes das secções que aos visitantes deram pormenorizadas informações sobre o funcionamento das respectivas instalações. A visita reuniu numerosos visitantes e a ele se referiu com fotografia o jornal de 30 de Julho. No final os directores Doutor Eduardo Neves, Drs. Caratão Soromenho e Couto Santos, Eng. Júlio Eduardo dos Santos e Hugo Raposo volta-

ram à administração e redacção a agradecer a recepção e as palavras proferidas na sala verde do referido Jornal.

Em 8 de Agosto, em dois autocarros cerca de 100 pessoas visitaram os Museus de Equitação e Toureio «Joaquim Alves» propriedade particular do Sr. Paulino Montez e a secção de cerâmica do Museu de José Malhoa. No primeiro, onde se expõem curiosíssimos e muito antigos exemplares de estribos, selins e esporas e outros arreios curiosos e bem assim uma notabilíssima colecção de programas de corridas desde a antiga Praça do Campo de Santana de Lisboa até à actualidade, foram recebidos pelo seu proprietário, que foi gentilíssimo e fez distribuir aos visitantes um cartão impresso com as suas saudações. No Museu de José Malhoa foram recebidos pela Conservadora D. Maria Helena que forneceu aos visitantes eruditas elucidações sobre os objectos expostos (as figuras feitas por Bordalo para as Capelas do Buçaco e cerâmica local). Foram visitadas a seguir as instalações da FNAT na Foz do Arelho — Colónia de Férias Marechal Carmona — em cujo refeitório foi servido um almoço. Depois de visitado o Monte do Facho e as praias da região regressou-se a Lisboa.

Durante o trimestre o Grupo foi convidado e fez-se representar na inauguração dos Moinhos reconstruídos no Caramão da Ajuda, nas homenagens prestadas à notável actriz D. Palmira Bastos pela Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses e nas conferências da Sociedade de Língua Portuguesa, respectivamente pelos Directores Srs. Hugo Raposo, Doutor Eduardo Neves e Dr. Caratão Soromenho. Na inauguração da Feira de Antiguidades e Artesanato de Alfama o Grupo esteve representado pelos Secretário-Geral e Director-Tesoureiro.

E. N.



Ofertas:

- Do nosso consócio n.º 3 512, Sr. Narciso Alfredo de Moraes, como recordação da sua exposição de pintura, realizada na nossa sede, a aguarela n.º 17 do respectivo catálogo, representando o «Pátio do Carrasco» ao Limoeiro. Foi oferecida emoldurada.
- Do Senhor Embaixador no México, Dr. Mário Duarte, a edição espanhola da obra de sua autoria *Eça de Queiroz, cónsul al servicio de la Pátria y de la humanidad e Portugal atormentado y heroico* da autoria de Gillermo Tardiff, além de vários jornais e revistas mexicanas com referências a Portugal e a Lisboa.
- Da gerência da Litografia Lusitana, do Porto, um calendário artístico comemorando o seu centenário e representando em reprodução reduzida o «Tríptico do Espírito Santo» da Igreja de S. Pedro de Miragaia.
- Da Senhora D. Maria Adelina Monteiro de Andrade Callixto, como recordação da sua exposição, realizada na nossa sede, um óleo pintado em tela e emoldurado, o n.º 7 do seu catálogo, representando «Aldeia do Ximongo», Moçambique.
- Da Viúva do nosso falecido consócio Senhor José Francisco de Oliveira, a sua colecção do nosso OLISIPO, 18 volumes encadernados a preto e branco, desde o número 1 até ao número 100.
- Para a nossa Biblioteca além das publicações costumadas foram enviadas:
- a) Pelo nosso consócio Sr. Dr. J. T. Montalvão Machado, as suas obras *D. Afonso I Duque de Bragança* e *Andanças do ensino médico na Capital* (esta última de colaboração com o Prof. Dr. Costa Sacadura).
 - b) Do nosso consócio Sr. Luís Bandeira (Visconde de Vila Nova de Gaia), *Arauto*, 1 volume dos Cadernos do Gabinete de Estudos Heráldicos e Genealógicos, referente a Abril de 1965.
 - c) Do Sr. José-Augusto França, da sua autoria *Une ville des Lumières. La Lisbonne de Pombal*.
 - d) Da direcção da Casa da Imprensa o Catálogo da Exposição *Reportagem gráfica do século XIX*, realizada na sua sede em Maio de 1965.
 - e) Da poetisa Horacel Cordeiro Lopes a sua obra *Brasil Gigante - Temas americanos*, Rio de Janeiro, 1965.

A todos muito se agradece



Feira da Ladra



FICHEIRO

27. Liga Infantil de Beneficência

Em 1929, a senhora D. Irlinda Tavares Rebelo Santos fundou a Liga Infantil dos Amigos do Outão.

O objectivo era associar as crianças de famílias com recursos, numa obra de *bem-fazer*, a favor das crianças pobres que a desventura forçara ao internamento no Sanatório do Outão.

Tão simpático movimento de solidariedade permitiu que se criasse naquele estabelecimento hospitalar uma biblioteca com cerca de quatro centenas de volumes, cinema e música nas enfermarias, tudo com o bendito propósito de suavizar o infortúnio dos internados.

Mais tarde, adoptou o organismo a designação de Liga Infantil de Beneficência, e na sua sede, na Rua Casimiro Freire, 8, rés-do-chão, ao Areeiro, criou com os seus poucos recursos uma aula de trabalhos manuais destinada a meninas dos 7 aos 14 anos, as quais, depois das suas tarefas escolares, ali se reúnem em determinados dias da semana, aprendendo

lendo livros e costura, sendo-lhes fornecida nesses dias uma merenda.

São essas crianças que vão confeccionando alguns agasalhos de lã, destinados às crianças mais pobres.

Mercê de tão generosa tarefa a Liga, pelo Natal — a amorosa quadra das crianças! — reúne algumas dezenas delas, às quais, além de uma merenda, distribui brinquedos, livros e agasalhos.

28. Grupo Onomástico «Os Joaquins»

No 2.º andar do n.º 7 da Calçada do Desterro é a sede do Grupo Onomástico «Os Joaquins».

Tal como os seus congéneres, este grupo onomástico tem como fim principal a solidariedade.

Fundado em 1 de Fevereiro de 1945, o Grupo fomenta o convívio dos seus associados na sede, proporcionando-lhes a prática de jogos lícitos, sessões recreativas, sem esquecer a sua função cultural não só por intermédio de uma boa biblioteca, como também com o boletim *Os Joaquins* que é editado trimestralmente, inserindo colaboração seleccionada.

29. Casa Regional de Góis

O escritor Francisco Barata Dias, Joaquim da Silva Poiares (da «Comarca de Arganil») e Claudino Alves de Almeida

foram, entre outros, os homens que em 4 de Dezembro de 1954 fundaram a Casa Regional de Góis, com o objectivo da propaganda da região, pugnando por tudo quanto possa concorrer para o seu desenvolvimento e prestar assistência aos goisianos mais carecidos.

Na sua sede, na Rua de Santa Marta, e com o sentido da mais ampla confraternização, efectuam-se diversas reuniões festivas dedicadas aos sócios e seus familiares.

Uma excelente biblioteca proporciona aos associados o prazer da leitura, não só na sede, como pelo sistema da leitura domiciliária, o que permite uma expansão mais aconselhável de tão útil modalidade cultural.

A beneficência aos goisianos mais carecidos é prestada pela forma mais discreta.

O objectivo dos dirigentes desta Casa Regional, e na sequência do pensamento

daqueles que a organizaram, é que ela seja o prolongamento natural do lar de cada um dos seus associados, sem esquecerem o seu torrão natal.

Zacarias da Silva

A propósito do centenário de Bocage

Nesta quadra de comemorações bocagianas que os Lisboaetas muito sentem, por o poeta ter passado grande parte da sua vida em Lisboa, ocorre-nos trazer ao conhecimento dos coleccionadores o bilhete que em gravura se reproduz e que se refere à inauguração da estátua de Bocage na cidade do Sado, e que se realizou em 21 de Dezembro de 1871. O exemplar pertence à minha colecção e foi usado por meu pai.

E. N.

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE BOCAGE

NA CIDADE DE SETUBAL

a 21 de Dezembro de 1871

Embarque na estação da Praça do Commercio ás 10 1/2 horas da manhã.

PASSAGEM GRATUITA

Referências da Imprensa

Registamos, com muito prazer e reconhecimento, a atitude do *Correio de Nisa*, Jornal de Informação e Cultura, superiormente dirigido pelo nosso prezado consócio Dr. Abel Monteiro, distinto advogado, escritor e jornalista, que em vários números tem exaltado a capital, numa secção intitulada «A Nobre Lisboa de Sempre», e aludido a personalidades que nela nasceram.

Assim, nos n.ºs 17 e 20 da 2.ª série do apreciado jornal, respectivamente de 24 de Julho e 16 de Setembro, foram publicadas duas sugestivas gravuras, dedicadas: a primeira a *Um aspecto do antigo Passeio Público* e a outra à *Velha Rua Nova, Rua de El-Rei* ou *Rua Nova dos Ferros*.

No segundo dos aludidos números, deparou-se-nos a bela poesia *Minha Mãe*, da autoria do benemérito lisboeta Cruz Magalhães, e ainda, na secção «Nos Domínios da Cultura», uma lisonjeira apreciação da homenagem prestada, no passado ano, pelo Grupo «Amigos de Lisboa» ao mesmo escritor e ao crítico de arte Cardoso Gonçalves, por ocasião da ocorrência do centenário dos seus nascimentos, bem como à conferência então proferida, recentemente publicada em separata de OLISIPO, acrescida de notas e da reprodução de iluminuras de códices estudados pelo segundo daqueles escritores.

Ao ilustre director do *Correio de Nisa* manifestamos o nosso vivo agradecimento.

Também o *Diário Popular*, na secção literária e artística de 16 de Setembro, reproduziu o excelente desenho apresentado na capa do último número de OLISIPO *Escadinhas da Figueira (Alfama)*, da autoria do nosso prezado consócio e consagrado artista José Videira, desenho ori-

ginal e inédito até à sua divulgação pelo nosso Boletim. Igualmente os nossos agradecimentos.

Asilo D. Pedro V

Este Asilo para a Infância Desvalida do Sexo Feminino, no Campo Grande, em Lisboa, teve há dias a sua reunião anual para apreciação de actos, aprovação de contas de 1964 e votação de uma proposta de alienação, por conveniência, da parte dum prédio, em Lisboa, que lhe coube em herança.

Tratava-se de resoluções correntes e normais. Através delas, são por vezes desenhadas atitudes benemerentes de alguns corações, aspergindo flores de muita bondade, e como na lenda da Rainha Santa transformam-se depois em pão do corpo e também em pão do espírito.

No ano que findou, viu o Asilo realizado um dos seus maiores sonhos — A Colónia de Férias na Praia das Maças. Dádiva generosa, de um director muito dedicado: dele omitimos propositadamente o nome, por sabermos que é dos que dão com a mão direita, ocultando-a da esquerda.

Não é fácil desvendar a sua personalidade, que traduz uma alma bem aberta às necessidades da infância desvalida, fazendo par com outra, não menos generosa, também da directoria do mesmo Asilo.

Mas o caudal lançado tão magnânimamente e recebido com ansiedade — inauguração da Colónia de Férias — teve este ano um bom aumento por dádiva anónima e amorosa, nesse histórico dia da Assembleia Geral. Uma dama, velando seu nome, apresentou-se na direcção com um sobrescrito contendo vinte e cinco mil escudos, que entregou, justificando esse acto como reconhecimento do desvelado carinho, com

que naquele Asilo, fora amparada e educada quando menina.

Quem era, quem foi? Não interessa.

Interessa dedicarmos-lhe os nossos melhores pensamentos por muito tempo e o reconhecimento do Asilo em acta que será eterna, o que se fez.

Investigar seria aborrecer quem de-seja ocultar-se, elevando sua alma ao Céu.

Não nos recorda se o Grupo «Amigos de Lisboa», nas suas andanças de desvendar Lisboa, como uma janela aberta de par em par, aos seus associados, já os levou alguma vez ao Asilo D. Pedro V.

Se tal não sucedeu, estamos em boa altura de ir preparando uma visita autorizada, para depois de Outubro; alguns desconhecerão a existência desta Casa de bem-fazer, e outros ignorarão que se trata de um asilo com características educativas, orgulho da nossa Cidade de Lisboa, até pela antiguidade, que ultrapassa o centenário!

Obrigado, Grupo «Amigos de Lisboa», por este acolhimento.

Chaves Caminha

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — Telef. 32 30 63

ÍNDICE

DO 28.º VOLUME

1965

A Audiência Concedida pelo Chefe do Estado aos Órgãos Directivos dos «Amigos de Lisboa»	101
Acção Cultural em 1964, por <i>E. N.</i>	87
Actividade Cultural (por trimestres), por <i>E. N.</i> 90, 128, 170 e	207
Biografia Lisboeta de Bocage, pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	184
A Casa de D. João da Câmara, pela <i>Dr.ª D. Jorgete Costa</i>	106
Catálogo da Colecção de Moedas de Arménio da Cunha Monteiro, exposta no Grupo «Amigos de Lisboa»... ..	39
O Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos (Palavras proferidas por ocasião da visita dos «Amigos de Lisboa»), pelo <i>Dr. José Pinto de Aguiar</i>	33
O Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, por <i>D. Maria Teresa Túlio de Freitas Soares</i>	36
Congresso Nacional de Turismo (Participação do Grupo), pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	26
Doutor Eduardo Neves (Homenagem ao)... ..	105
Eng. Augusto Vieira da Silva, pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	153
«Feira da Ladra» 30, 131, 174 e	211
Júlio de Castilho, por <i>Júlio Eduardo dos Santos</i>	141
Lisboa Adormecida, soneto, por <i>D. Christina Bérens Freire</i>	206
Matos Sequeira, por <i>Hugo Raposo</i>	160
Os Miradouros de Lisboa, por <i>Hugo Raposo</i>	27
O Mosteiro de Marvila, por <i>Ralph Delgado</i> 112 e	169
O Mosteiro de Marvila, pelo <i>Brigadeiro Dr. Meyrelles do Souto</i>	167
Ofertas ao Grupo... .. 94 e	210
Paço Real de Frielas, pelo <i>Dr. J. T. Montalvão Machado</i>	187
Parecer da Comissão de Contas (exercício de 1964)	126
O Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo aos Moinhos dos Olivais, pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	195
Relatório da Junta Directiva (ano de 1964)	121
Relógios de Sol para Lisboa, pelo <i>General Pereira do Vale</i>	5
Santo António de Lisboa, novamente Oficial do Exército Português (em Angola), por <i>Santos Furtado</i>	76
Sessão Solene para Inauguração de um Quadro a Óleo Homenageando Três Vultos Notáveis da Olisipografia: Júlio de Castilho, Vieira da Silva e Matos Sequeira	137
Sócios Admitidos 95 e	173
Sócios Honorários... ..	103
Teatro Nacional de D. Maria II	3
Wenceslau de Moraes e a Torre de Belém, pelo <i>Comodoro Alfredo Motta</i>	203

Capas — Desenhos de *José A. Videira*:

N.º 109 — Largo do Convento da Encarnação

N.º 110 — Entrada da Rua do Capelão

N.º 111 — Escadinhas da Figueira (Alfama)

Desenho de *Narciso de Moraes*:

N.º 112 — O velho Mercado da Praça da Figueira

Vinhetas: de *Figueiredo Sobral* e *José A. Videira*

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

•

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

20

TRADIÇÃO
E
PROGRESSO



BANCO BORGES & IRMÃO



PORTO - Rua de Sá da Bandeira, 12
LISBOA - Largo de S. Julião, 6
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS